

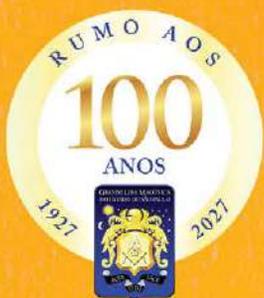


A Verdade

ANO LXVIII - Nº 542 - Janeiro / Fevereiro de 2021

Revista Maçônica

Simbologia do número



◆ Fake News e o Maçom ◆



Durante o ano passado, em frequentes conversas presenciais e on-line com familiares, amigos e irmãos, percebi um desejo quase unânime. Talvez, 2020 tenha sido o ano que todos queriam que acabasse o mais rápido possível. Os contratempos, os prejuízos financeiros, as vidas perdidas e os medos que o novo coronavírus trouxe consigo invadiram os lares do mundo inteiro. Não nos restou, muitas vezes, nem um abraço fraterno de solidariedade.



Se não bastasse a Covid-19, ainda tivemos de presenciar ou acompanhar pela mídia ou grupos de bate-papo virtuais as discussões que a pandemia tornou ainda mais acaloradas entre as pessoas. Todos queriam ser os detentores da verdade: representantes políticos pró e contra o Governo, a defesa desse ou daquele protocolo, os questionamentos sobre se esse ou aquele medicamento deve ser usado ou não, se deve usar máscara ou não, se é preciso fazer lockdown ou seguir a vida normal para a economia não parar. Com um mínimo de bom senso, era – e ainda é – possível perceber que, não raras as vezes, interesses escusos norteavam as justificativas em detrimento do bem estar da população.

O pior de tudo é ver que, por conta dessa diferença de pontos de vista, amigos deixaram de se falar, familiares se afastaram, irmãos discutiram. Ver um irmão abandonar outro irmão talvez seja a cena mais triste a ser presenciada por um maçom. A fraternidade e a tolerância entre as pessoas foram deixadas de lado.

A Glesp, como fez ao longo de toda a pandemia, tem seguido rigidamente os protocolos de higiene e segurança e acatado as diretrizes das autoridades competentes, como as divulgadas no Plano São Paulo de retomada econômica. O intuito é dar continuidade ao nosso compromisso de preservar a saúde dos irmãos de toda a Jurisdição, cuja maioria integra o grupo de risco relativamente maior de contaminação pelo vírus.

Como todo o Estado de São Paulo foi reclassificado pelo Excelentíssimo Governador, Sr. João Doria, para a Fase Vermelha de restrição na quarentena, teremos de suspender as atividades maçônicas de todas as Augustas e Respeitáveis Lojas Simbólicas Jurisdicionadas, como também as atividades administrativas do Palácio Maçônico Francisco Rorato e do prédio da Rua São Joaquim, 129, até o dia 19 de março de 2021, salvo pronunciamento contrário das autoridades governamentais e caso não haja agravamento de contágio no quadro da pandemia. Sendo assim, também fica suspensa a Assembleia Geral Deliberativa e Legislativa, que seria realizada no dia 20 de março de 2021.

Nossa recomendação é que, enquanto durar o segregamento social temporário, as lojas façam suas reuniões virtuais nos dias e horários de suas sessões presenciais, no intuito de continuar estreitando os Laços de Fraternidade que nos une.

Meus queridos irmãos, o ano de 2021 já começou, mas, praticamente, continuamos no mesmo impasse de antes. Porém, as vacinas que estão chegando, ainda que de maneira modesta, trazem um alento para os nossos ânimos

Sigamos trabalhando de maneira séria e dedicada. Façamos a parte que nos cabe nesse imenso canteiro de obras que é a Humanidade. Sejamos fiéis aos nossos ideais e princípios, dedicando-nos à busca da Verdade, pois a Maçonaria é pavimento, colunas e abóbada para todo o maçom.

Com a graça e amparo do Grande Arquiteto do Universo, esse ano vai ser melhor e trará a normalidade, na medida do possível, para todos nós.

Fraternal abraço,

Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Antonio Soares da Fonseca Junior (L. 551)
Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Ricardo Mário Gonçalves (L. 10)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)
Valdemar Sansão (L. 726)

Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

Tiragem desta edição

23.200 exemplares

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem.

Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





Simbologia do número 7

O Setenário, o poderoso número 7 (sete) é o número representativo da harmonia, resultante do equilíbrio, estabelecido por elementos não semelhantes. Na interpretação dos números, o 7 é considerado uma situação especial em relação aos demais.



4
Capa

Maçonaria e as cores

O azul está fortemente associado com a tranquilidade e a serenidade. A cor da Loja do Rito Escocês Antigo e Aceito é o azul celeste ou azul heráldico. A cor distintiva do rito é o vermelho encarnado, historicamente, normatizada como oficial para o Rito Escocês no Congresso de Lausanne, em 1875.



8



28

Fake news e o maçom

Como aprendizes, vemos que a Maçonaria tem a verdade como uma de suas bases. Ela preconiza também que devemos combater os erros, a ignorância e a mentira. Isso tudo está em nossos rituais.

Romãs – simbolismo da união dos irmãos*

No topo das duas Colunas (B e J), encontramos representadas três romãs entreabertas. A representação é rudimentar, pois antigamente eram desenhadas com giz no piso dos locais onde se reuniam os integrantes da Ordem.



12

As Duas Máscaras

Com a obrigatoriedade da utilização das máscaras para proteção, seja pessoal e/ou da coletividade, passamos a perceber inúmeras outras facetas de pessoas que nos cercam e que não conseguem utilizar duas máscaras.



18



32

Caridade

A verdadeira caridade não é uma simples doação movida pelo sentimento de pena. Ela é a ajuda dada a necessitados de forma voluntária, sem almejo de recompensas ou vantagens financeiras ou sociais e sem a busca de reconhecimento de qualquer espécie ou propaganda.

Solidariedade*

Segundo sua definição, Solidariedade é um ato de bondade para com o próximo. É o sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral ou material.



20



34

Meu Navio

Conforme o navio rasgava as águas do oceano, fui me acalmando, as ordens de praxe passei emanar, um pouco mais confiante sentia a cada instante o coração no peito a pulsar, os marujos sincronizados faziam aquela cena parecer um teatro, tudo muito bem ensaiado.

2020: Um abraço... 2021: Um abraço!

Não inesperadamente, mas simultaneamente, a natureza amarrou uma âncora em nossos pés e depositou na profundidade nossa boia de salvação. Perceberam isso? Um abraço. Não está sendo fácil e nunca será indolor passar pelo indigesto imposto.



24



36

Ano Novo: Retorno ao Associativismo ou à Fraternidade?

Não somos um conjunto de associados ligados à profissão, hobbies ou afins (para isso, sugiro que conheça outras excelentes entidades). Aqui há um sentimento fraternal, emanado pela egrégora do juramento de fidelidade à Ordem e aos irmãos mundo afora.



26

Ética e Moral no contexto maçônico*

A ética fundamenta seus argumentos na razão, enquanto a moral os fundamenta na tradição. Logo, ética e moral podem se contradizer. Não raro se contradizem, de fato. Uma pessoa que segue rigorosamente os princípios éticos pode não ter moral alguma.

* Vencedores do 1º Concurso de Trabalhos Maçônicos – Grande Secretaria de Cultura Glesp



Simbologia do número



Irmão Celso de Lima Buzzoni

Loja Prof. Raimundo Rodrigues, 726 – Oriente de São Paulo

O Setenário, o poderoso número 7, é o número representativo da harmonia, resultante do equilíbrio, estabelecido por elementos não semelhantes. Na interpretação dos números, o 7 é considerado uma situação especial em relação aos demais. Está presente desde a criação do mundo, conforme nos dá conta as escrituras: a obra feita em sete dias.

O próprio Deus Universal tem sete qualificações: Imanente (está contido em todas as formas existentes); Transcendente (está acima de tudo que criou); Onisciente (sabe tudo); Onipotente (tem poder ilimitado); Onipresente (está presente em toda a parte); Imutável (não está sujeito a mudança) e Imaterial (não é material, em essência, é espiritual).

Para se mostrar a importância do número 7 desde os primitivos povos: os Caldeus construíram sete enxilharias cúbicas, ou cômodos cúbicos, na torre de Babel, considerando essa obra mais sagrada que outras, pois o setenário desse edifício tinha por fim ligar a Terra ao Céu. Naquela época, sete grandes astros eram conhecidos como mais ativos que as estrelas fixas: o Sol, a Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno.

Acreditavam os antigos ainda que sete teriam sido os planos consagrados a uma das Causas Secundárias organizadoras do Universo. É a essas causas setenárias que se atribui a Obra da Criação, tal como aparece nas diversas cosmogonias, das quais a Gnose Hebraica é uma espécie particular. Tais causas coordenadoras têm sua consagração nos sete dias da semana, símbolo submúltiplo das sete épocas da Criação, cujo culto remonta, no mínimo, à civilização babilônica.

Os antigos filósofos distinguiam sete influências distintas que se manifestavam em todo ser organizado, quer se tratasse do Macrocosmo (mundo celeste ou mundos grandes), quer dos Microcosmos (mundo terrestre ou mundos pequenos), representados pelo indivíduo humano, animal, vegetal ou mineral.

A diferenciação entre os dois cosmos estaria na existência de uma natureza mais elevada, em consequência de um acorde vibratório com as sete notas que formam a gama da harmonia universal. Conhecer tais notas é de suma importância para aquele que deseja, como Pitágoras apregoava, pretender ouvir a chamada música das esferas.

Descartes, filósofo francês, relacionou sete paixões humanas: admiração, alegria, amor, desejo, ódio, tristeza e esperança.

Apesar de sermos educados na existência de cinco sentidos, na verdade são sete: olfato, paladar, visão, audição e tato; o sexto seria a percepção mental e o sétimo a compreensão espiritual.

As notas correspondem aos sete dias da semana que, a par das revoluções religiosas, continuam a consagrar o setenário divino, concebido há mais de 5.000 anos pelos sábios.

Estudos dão conta que há, entre os homens de uma mesma raça, sete tipos nitidamente caracterizados, quer no físico, quer na moral. No campo da moral, existem os chamados sete pecados capitais: orgulho, preguiça, avareza, gula, inveja, luxúria e cólera.

O número 7 constitui-se, ainda, da medida do ciclo de nossa evolução. Podemos imaginar que, desde o nascimento até os 7 anos, o indivíduo consagra todas as energias à construção do seu corpo físico; dos 7 aos 14 anos, à construção do corpo emocional; dos 14 aos 21 anos, à construção do corpo mental; dos 21 aos 28 anos, à síntese e ao testemunho, na existência, dessa síntese. O que o ser construiu é o que se chama personalidade, que é uma síntese de um corpo físico, emocional e mental.

Até os 28 anos, o ser construiu sua personalidade. Dos 28 a 35, de 35 a 42 e de 42 a 49 anos o ser constrói sua individualidade. No primeiro ciclo, pode-se dizer que é um trabalho de corpo (até os 28 anos). Após, um trabalho da alma. No segundo período, a personalidade entra em contato com a alma. Isso quer dizer que o corpo é totalmente renovado e regenerado a cada sete anos. Se o ciclo do 7 intervém de modo tão preciso na evolução do homem, física e psicologicamente, é porque ele corresponde a leis cósmicas que se aplicam em diferentes planos da Criação.

Encontramos também o simbolismo do 7 em todas as religiões, observando-se que sete foram as igrejas primitivas:

a) Judaísmo: Há os sete degraus da Perfeição; os sete braços do candelabro sagrado, as sete moradas de Iaveh, os sete anos que durou a construção do Templo de Salomão, os sete sacerdotes que, trazendo sete trombetas, deram sete voltas em torno da muralha de Jericó, quando chegou o sétimo dia.;

b) Cristianismo: Os sete dias da criação, as sete visões do Apocalipse (com as sete igrejas, as sete estrelas, as sete trombetas, os sete trovões, as sete cabeças, as sete calamidades, os sete anjos e as sete taças), os sete milagres, os sete pecados capitais, os sete “Eu sou” do Cristo etc.; a cruz onde Cristo morreu possuía quatro pontas e três cravos, cuja soma representa o 7; Jesus, na cruz, proferiu sete frases. Sete são os sacramentos da igreja católica; sete são os dons do Espírito Santo. Jesus alimentou 4 mil pessoas com sete pães, e com as sobras encheram-se sete cestos.

c) Hinduísmo/Budismo: Há a menção dos sete raios do Sol de Buda, os sete céus, as sete direções do espaço sagrado, os sete estados do Nirvana, as sete faces do Monte Meru, cada uma delas voltadas para os sete dvîpa (continentes) etc.;

d) Islamismo: O Alcorão faz alusão aos sete céus, aos sete mares, às sete terras, às sete divisões do inferno, às sete portas do paraíso, às sete palavras da profissão de fé mulçumana etc.

Durante os séculos VII e VI a.C., a antiga religião politeísta do Irã, o Masdeísmo, foi reformada e dada novas dimensões pelo profeta Zoroastro, que teria vivido entre 628 e 551 a.C. Adotado pelos reis persas, o Zoroastrismo se tornou a religião oficial do Império Aquemênida. Sua teologia



influenciou mais tarde os gregos, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. No estudo do zoroastrismo, encontramos também o número 7 presente. Sete teriam sido as entidades abstratas que refletem os aspectos do Deus supremo e único. São os *Amesha Spentas* (imortais benevolentes), semelhantes aos arcanjos do cristianismo.

Outro mistério envolvendo o número 7 é a sua relação com a fase lunar. O 7 é uma forma lunar, pois o ciclo lunar é de 28 dias. Somando-se as unidades $1+2+3+4+5+6+7 = 28$.

Há, ainda, os sete chakras, as sete cores do arco-íris (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta) e, repetindo-se o que já exposto, as sete notas musicais.

Podemos ainda mencionar as sete maravilhas do Mundo Antigo: Estátua de Zeus (em Olímpia – Grécia), Templo de Diana (Turquia), Colosso de Rodes (Grécia), Mausoléu de Halicarnasso (Turquia), Farol de Alexandria (Egito), Jardim

Suspensão da Babilônia (Iraque, hoje) e as Pirâmides do Egito.

Na literatura infantil, a Branca de Neve e os Sete Anões, cada um com uma personalidade diferente. Na Grécia antiga, sete foram os grandes sábios: Sólon, Quílon, Tales de Mileto, Cleóbulo, Bias, Periandro e Pitaco. Nas artes plásticas, sete foram os grandes pintores: Van Gogh, Rembrandt, Michelangelo, Ticiano, Goya, Toulouse-Lautrec e Picasso.

O ano 313, cuja soma corresponde ao 7, marca o ano em que o Império Romano reconheceu o Cristianismo como religião. E a cidade escolhida para a sede mundial do Cristianismo foi Roma, a Cidade das Sete Colinas.

Dentro do folclore da Romênia, região onde foi introduzida a lenda sobre os vampiros, existe um princípio de que o sétimo filho do sétimo

filho tornar-se-ia um vampiro.

Na mitologia grega, sete cabeças possuía a hidra que o semi-deus Hércules matou, quando da realização dos 12 trabalhos.

Estudiosos esotéricos alegam que, entre o continente americano e o africano, tempos atrás, existia uma civilização avançada, a qual foi denominada de Atlântida. Os mesmos estudiosos dizem que o continente da Atlântida sucumbiu, restando apenas algumas ilhotas no Oceano Atlântico que corresponderiam ao continente que afundou. Tais ilhas são denominadas de Arquipélago dos Açores, o qual é constituído de sete ilhas.

Expressões populares também fazem menção ao número 7: “guardar segredo a sete chaves”; “o gato possui sete vidas”; “fulano pinta o sete”; “quem rouba ladrão tem sete anos de perdão” etc.

Em muitos países, sete são os membros do júri popular (Tribunal).

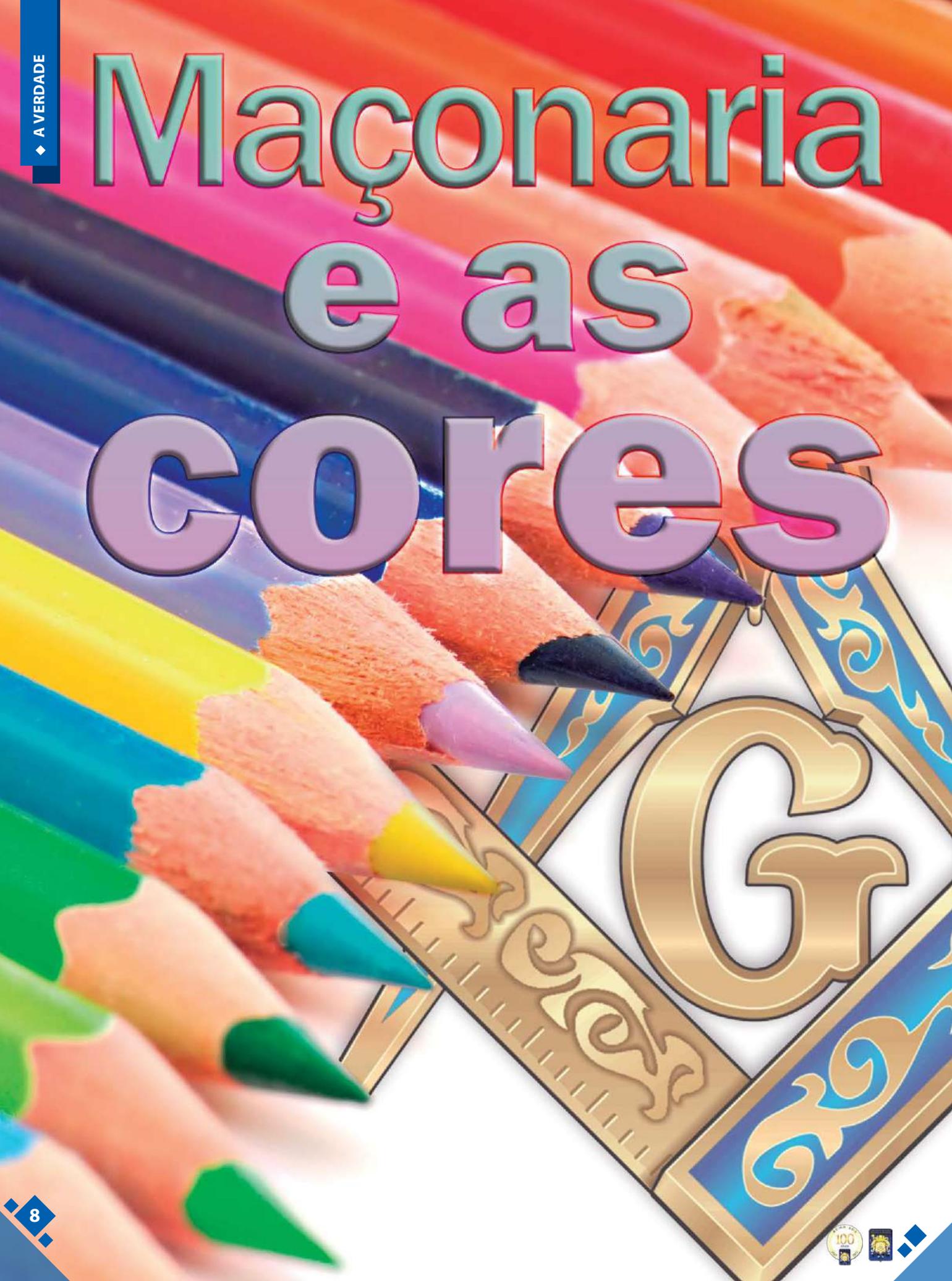
Na realidade, não existe nenhuma tradição que não mencione, de uma forma ou outra, o número 7 e o seu poder criador. Isso porque tal número está ligado a ritmos e ciclos cósmicos que se aplicam tanto no mundo visível como ao mundo invisível.

Após 77 anos de vida, a alma se prepara para a transição e usa todas as ocasiões possíveis para sensibilizar o indivíduo à sua dimensão espiritual. Pitágoras considerava que, após tal idade, o “homem não faz parte dos vivos”, ou seja, o ser já se sente mais desligado do mundo material e de suas contingências. ◆

Bibliografia:

Simbolismo dos Números e Cabala, de Maela Paul, Ed. Ágape
Revista Alquimia - ano II - nº 15
Almanaques Populares

Maçonaria e as cores



Irmão Celso Eustáquio de Avelar

Loja Cavaleiros Unidos do Vale do Paraíba, 541 – Oriente de São José dos Campos

As cores sempre trazem uma mensagem. O branco simboliza a paz. O verde, a esperança e a liberdade. O vermelho é a cor do fogo e da guerra. O amarelo, o desespero. O azul está fortemente associado com a tranquilidade e a serenidade. A cor da Loja do Rito Escocês Antigo e Aceito é o azul celeste ou azul heráldico. A cor distintiva do rito é o vermelho encarnado, historicamente, normatizada como oficial para o Rito Escocês no Congresso de Lausanne, em 1875.

Azul e vermelho são muitas vezes associados como divisa de armas, companhias e fortificações militares de maçons. Muito cedo se reconheceu que as cores têm fortes impactos e influências sobre a mente, portanto, podem ser empregadas para certos fins morais ou estéticos, através da simbólica maçônica, das alegorias e da mística das alusões.

Sir Isaac Newton debruçou-se sobre o estudo das cores descrevendo-as sob os efeitos sensuais e morais que abarcam o espírito intuitivo e sensitivo, instrumentos de transmissão de condescendências. Newton ganharia notório reconhecimento por suas descobertas na área da óptica.

Dentre os avanços trazidos pela abordagem newtoniana sobre a luz, destaca-se a sua teoria das cores (*magnum opus*), suporte frequentemente associado ao mundo científico, contudo, avançando sobre a especulação filosófica.

Porém, essa teoria teve grande oposição no meio científico, fato esse que levou Newton a publicar seus trabalhos sobre os fenômenos ópticos somente muitos anos mais tarde.

Coube ao cientista, ainda, dedicar muito de seu tempo ao estudo da alquimia e da cronologia bíblica, mas a maior parte de seu trabalho nessas áreas permaneceu não publicada até muito tempo depois de sua morte.





Johann Wolfgang von Goethe — a maior figura da literatura alemã — também escreveu extensivamente sobre as cores e priorizou a percepção humana em suas investigações. Em seu estudo sobre a essência das cores, Goethe se cercou de conclusões bem díspares das de Newton. Para Goethe, as cores surgiam da interação de luz e escuridão. Essa tese é apresentada com particularidade em sua Teoria das Cores.

Todavia, Newton e Goethe divergem sobre a teoria das cores: para Goethe, as cores teriam surgido dos opostos: o claro e o negro. Goethe se refere ao “efeito sensorial-moral das cores”. Nesse ponto, ele também se distingue claramente de Newton, cuja propagada concepção das cores se limitava a tais qualidades ao âmbito meramente subjetivo.

O pensamento de Plantagenet resume esse momento antagônico de dois gigantes da arte de pensar, sintetizando-os: “espalhar a Luz e juntar tudo o que é disperso”. Resulta, pois, ver tais cientistas contribuindo de uma forma ou outra ao aperfeiçoamento da Humanidade. Em rigor, as ideias de Goethe e de Newton ficam evidentemente aquém das atuais investigações científicas. De acordo com as conclusões da física quântica, a luz não é composta de partículas, mas representa algo unitário, total.

Sem lugar às dúvidas, a contribuição de Newton abriu sendeiros rumo ao progresso da ciência, da medicina e da engenharia, entre outras disciplinas.

No mundo das ilusões, o azul é a cor predileta de 45% das pessoas, compilando um rol em torno de 115 tons diferentes. O azul simboliza ainda rasgos de castidade, fidelidade, paz, ordem, harmonia, em particular, representa a prudência e a bondade.

É sabido, não obstante, que o vermelho, o preto

e branco dominaram quase todas as representações artísticas até o início da Idade Média devido à facilidade com que as tintas poderiam ser produzidas, isso em comparação com a dificuldade de obter-se o pigmento azul. No começo da Idade Média, o vermelho era a cor da nobreza, enquanto o azul era dos servos.

A cor púrpura, inclusive o roxo e o violeta, se atribui a um leque de tons entre o vermelho e o azul. Segundo a teoria, obtém-se a cor roxa mesclando as cores primárias do vermelho e azul.

Púrpura é um símbolo da realeza imperial e aristocrata, mas também relacionado com penitência e a solenidade da Quaresma e do Advento nas estações da igreja cristã.

A cor púrpura combina a calma estabilidade do azul e a energia indomada do vermelho. Ainda nesse vetor, o símbolo da nobreza, luxo, poder e ambição.

O Livro de Êxodo lista extensos usos da cor púrpura no tabernáculo e nas vestimentas dos sacerdotes. Para os católicos, a cor que veste os paramentos dos sacerdotes e a decoração das igrejas traz o significado de melancolia e penitência. Portanto, é uma das cores litúrgicas da Igreja Católica, agregada ao período da quaresma ou presentes nas missas pelos defuntos.

Assim sendo, nos tempos bíblicos, o azul era intimamente relacionado com o púrpuro. Recentemente, estudos e pesquisas sobre os corantes e os métodos de tingimento utilizados pelos antigos fenícios e hebreus foi desvendado. O desfecho da pesquisa não foi conclusivo, entretanto, nos traz novas informações: ambas as cores, ao que parece, foram produzidas com materiais de tingimento extraídos de murex, um molusco abundante na costa do Líbano.

Ademais, o púrpuro foi a cor usada pelos magistrados romanos; tornou-se a cor imperial usada pelos governantes do Império Bizantino e do Sacro Império Romano e, mais tarde, pelos bispos católicos romanos. Da mesma forma, no Japão a cor é tradicionalmente associada ao imperador e à aristocracia.

Os sacerdotes de Montezuma — o último grande imperador asteca (1466-1520) — usavam paramentos púrpuros para o cerimonial das exéquias, transmitindo tal costume à cultura popular mesoamericana, cujo fascínio se dirigiu ao culto dos mortos, recordando o regresso da figura da deusa Mictecacíhuatl, conhecida como a “Dama da Morte”. Desse antigo festival originou-se o Dia dos Mortos, comemorado no nono mês do calendário solar asteca, por volta do início de agosto, e era celebrado por um mês completo.

Posteriormente, essa tradição foi relacionada à Catrina, esqueleto de uma dama da alta sociedade, cujo personagem derrama gotas de lágrimas e tristezas pelos mortos, herança cultural que traz provimento de 3.000 anos antes de Cristo.

Em nenhuma outra cor existem qualidades tão opostas quanto na cor púrpura, pois representa a mescla do masculino com o feminino (vermelho e azul) e a sensualidade com a espiritualidade.

A cor branca, branco ou alvo, segundo a teoria de antanho, é a junção de todas as cores do espectro paleta. O branco é frequentemente associado ao monarquismo. A associação veio originalmente da bandeira branca da dinastia de Bourbon da França. Posteriormente, o branco tornou-se a bandeira das rebeliões realistas contra a Revolução Francesa. O branco significa paz, pureza e esmero, momentos de reflexões, a cor da intelectualidade.

Tradicionalmente, o negro ou preto é a cor do luto, da morte, da angústia, da tristeza, do submundo das imperfeições, dos caminhos de trevas, embora não fosse assim reconhecida até cerca de meados do século 14 e tal uso se tornaria habitual apenas no século 16. Recordamos a figura do corvo negro de mau agouro, cujo espírito de inquietude caminha revestido de posturas negativas.

Para os muçulmanos, a Pedra Negra, em Meca, seria em determinado momento branca, mas ao disabor de vícios, erros e enganos causados pelo homem, sofreu imensa transformação e a cada dia se apagava, tornando-se escura e gerando transformação de comportamento. A cor negra ou preta é associada ainda com as bandeiras de piratas e anarquistas, mas também com o renascimento e a transformação.

A Maçonaria, assim como a sociedade, a ciência e a arte, buscou nas cores seu programa iniciático e didaticamente propôs exibir seu conteúdo de progresso. As cores estão representadas em diversos Graus da trajetória maçônica e se ajustam a uma escala de aperfeiçoamento. ◆

Referências bibliográficas

- ASLAN, Nicola. *A Loja Operativa, Coletânea de Trabalhos de autores diversos*, Revista A Trolha, Londrina-PR, 1993.
- BERTELOOT, S. J. e Padre Joseph. *A Maçonaria perante a História*, Tomo 3, Pág.195-197, 1992.
- BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica*. Editora Pensamento, 2016. 400 p.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema, 1994. ISBN 978-9726952152.
- COSTA, Frederico Guilherme. *Maçonaria na Universidade*, Ed. A Trolha, Londrina-PR.
- DA CAMINO, Rizzardo. *Dicionário Maçônico*. São Paulo, Madras Editora, 2013.
- FARINI, Tullio Luigi. *Conheça sobre as cores na Maçonaria*, Tradução de “Perguntas & Respostas” publicado no JB News, 2019.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria*. Editora Pensamento, 2016. 516p. Encyclopaedia Britannica, vol. 4, Rio de Janeiro, São Paulo, 1981.
- GUADALUPE, María Bravos de Dios. Artigo *El secreto de los colores en los estudios académicos*. Universidad Autónoma de la Ciudad de México, Human Biology Department.
- SCHEIBE, Hermann e Georg. *História e Mistérios das Sociedades Secretas*, Tradução de Eurico Douwens IBRASA, São Paulo, 1959.
- VERDUSSEN, Roberto. *Manuscrito de um Aprendiz*, ARGELS Duque de Caxias, No. 1357, São José dos Campos, SP, 1976.

Romãs

simbolismo da união dos irmãos



Irmão Thiago Lourenço Schioba

Loja Templários de Piracicaba, 662 – Oriente de Piracicaba



Ao enfatizar como a loja maçônica é construída, detalhando os elementos dentro dela, cita o Venerável Mestre as romãs: “*Que significam as romãs, colocadas nos capitéis das Colunas?*”¹ Esse artigo tem a intenção de explorar esse tema, traçando os paralelos simbólicos e analogias dentro da Maçonaria.

No topo das duas Colunas (B e J), encontramos representadas três romãs entreabertas. A representação é rudimentar, pois antigamente eram desenhadas com giz no piso dos locais onde se reuniam os integrantes da Ordem².

A intersecção da fruta com a Maçonaria acontece da adoção pela Ordem do Templo de Salomão como modelo a ser seguido, exemplo de perfeição³. No Templo de Salomão, existiam colunas com romãs, provavelmente numa alusão à fertilidade que a fruta representava na época, em que era comum um homem ser casado com diversas mulheres, não sendo Salomão exceção. Há evidências de mil mulheres entre esposas e concubinas do mesmo⁴. Entretanto, a incorporação da romã na simbologia maçônica extrapolou esses significados, como veremos adiante.

A romã é citada em várias passagens do Livro da Lei, dentre eles Jeremias (52:22): “*Encimava-as um capitel de bronze de cinco côvados e uma grade de romãs, também em bronze, cercavam o alto do capitel. Era semelhante a esta a segunda coluna, com romãs em torno*”.



A romã possui história rica e diversos significados, sejam eles religiosos, medicinais e ritualísticos, dentre outros. Gregos a consagraram à deusa Afrodite, pela paixão e fecundidade. Sacerdotes egípcios usavam em rituais iniciáticos e como oferenda nos túmulos dos reis. Também foi usada pelos judeus, que a levaram ao Egito, após o abandonarem, para comprovar a fertilidade da Terra Prometida⁴. Ou seja, adquiriu o significado de fertilidade, fecundidade, riqueza, prosperidade⁵. Os judeus as consomem no *Rosh Hashanah*, dia no qual começa o ano judaico, simbolizando renovação, prosperidade e fertilidade. Os cristãos as consomem no dia de Reis (6 de janeiro), simbolizando o amor cristão, a perfeição divina e a virgindade de Maria, mãe de Jesus. Na Ásia, a romã está associada aos órgãos sexuais femininos. Na Índia, as mulheres tomavam seu suco a fim de assegurar fertilidade e combater a esterilidade. Observaremos adiante que a Maçonaria absorveu parte desses ensinamentos para o aprendizado dentro da loja.

Primeiro, devemos expor os aspectos botânicos da fruta para podermos entender melhor seus aspectos filosóficos.

A romã, na realidade, é uma infrutescência, ou seja, um agrupamento de pequenos frutos. Provém da romãzeira, arbusto originário da Pérsia, cujo nome científico é *Punica Granatum*. Cultivada inicialmente pelos fenícios, se espalhou para o norte da África até Cartago e de lá para o Mediterrâneo. Existem fragmentos da fruta em túmulos egípcios que datam de 2.500 a.C. A árvore pode atingir de 2 a 8 metros, tem raízes bem ramificadas e tóxicas⁶. Seus ramos são distribuídos harmonicamente em copas proporcionais. Adapta-se muito facilmente em qualquer clima, e sua madeira é extremamente resistente. Podem durar de 60 a 100 anos, assemelhando-se ao tempo de vida de um homem⁷.

Seus frutos têm forma arredondada, cores vivas, porém opacas, e casca muito resistente. Deriva de uma flor vermelha coral em forma de coroa. Sua polpa tem sabor agridoce e cítrico, sendo constituída por uma trama perfeita de centenas de grãos rubros alojados em cavidades primorosamente divididas como se fosse resultado de um exaustivo trabalho artesanal⁸.

Sua casca, apesar de grossa e robusta, rompe-se espontaneamente num determinado momento, expondo seus grãos. Quando colhida e deixada em local quente, seca lentamente, não apodrecendo. Seu interior apresenta duas câmaras: a alta, que contém cinco celas (ou células); e a câmara baixa, que se apresenta da mesma forma, porém com três células. Os grãos têm uma diminuta semente branca no seu interior, sendo envolto por uma parte carnosa e transparente, nas colorações que vão do rosa pálido ao rubi. As celas são divididas por uma espécie de cortina branca e leve.

De todos esses componentes presentes no fruto, podemos refletir sobre suas analogias com o mundo maçônico.

Os grãos representam a união dos maçons em diversos aspectos. Do ponto de vista fisiológico, cada grão possui carne, sangue (o suco) e ossos (as sementes). Crescem unidos de tal forma que perdem seu formato original, que seria redondo, tornando-se polígonos geométricos com várias facetas, como favos de uma colmeia. As abelhas trabalham sem descanso, e assim lutam os maçons.

Os frutos representam os maçons que estão no Oriente Eterno, pois são pedras totalmente polidas que abrilhantam o reino celestial. As câmaras simbolizam a vida externa e interna (mente humana e espírito).

As cinco células da câmara alta representam as fases intelectuais onde se estudam a razão da verdade

eterna, o conhecimento e o impulso para o elevado, para a moral e para a perfeita harmonia. Representam também as cinco raças humanas, perfeitamente unidas, sem preconceitos. Também recordam as cinco idades do homem: embrionária, infância, a do aprendizado, a construtiva e a madura.

As três células na câmara baixa correspondem ao aprendizado, ao companheirismo e ao mestrado. Também representam as três substâncias do homem: sangue, carne e ossos. Simbolizam o Homem Templo, Homem Altar e Homem Alma. E as três Luzes: Venerável Mestre e os dois Vigilantes.

O formato externo do fruto mimetiza a Terra, pela sua forma esférica, coloração e conteúdo. Suas cores simbolizam o reino vegetal (verde), animal (vermelho) e reino mineral (amarelo). A coroa de triângulos, colocada numa extremidade da esfera, simboliza o coroamento da obra da Arte Real. A flor rubra representa a chama de entusiasmo que conduz o neófito.

As romãs podem ainda ter o simbolismo equivalente ao Feixe de Esopo, pois da mesma forma que uma lasca de lenha é fácil de ser quebrada e um feixe de lascas não o é; a união de todas as frágeis sementes, “unidas ombro a ombro”, faz desse fruto um dos mais fortes e resistentes⁹.

A romã é, à primeira vista, desprovida de atrativos, dura, quase impenetrável. Normalmente, é preciso que ela se abra espontaneamente para mostrar seu interior magnífico. Assim é a Maçonaria, herméctica e inacessível, quase impenetrável para os que olham de longe, mas extremamente bela para os escolhidos que decidiram olhar pelas suas aberturas¹⁰.

Sua polpa branca transparente, na qual os grãos estão imersos, recorda o fato de os maçons estarem unidos por um bem comum. Assemelha-se ao simbolismo da Corda de 81 Nós, pois é vista como a unidade que existe entre todos os maçons do universo.



Temos outras representações e analogias:

- Seu fruto pode representar o Sol, pela sua cor, fertilidade e pelo fato de aquecer e iluminar, humildemente servindo;
- Seu fruto também pode ser uma analogia para o próprio maçom – resistente às intempéries da vida, discretos, mas com qualidades diferenciadas dos demais em seu interior;
- A romã é única e ao mesmo tempo múltipla, cada grão ocupando harmoniosamente seu lugar dentro do seu compromisso, como nós, maçons¹⁰;
- Seus inúmeros grãos também simbolizam a caridade apregoada pela Ordem;
- Seus grãos unidos representam a amizade, a solidariedade e a fraternidade da família maçônica;
- Seus grãos são diferentes, assim como os maçons, com diferentes crenças, raças e posição política. Porém, permanecem unidos numa mesma estrutura, em sintonia, respeitando seu espaço e o espaço do outro.

Concluimos que a romã simboliza a própria loja maçônica e sua egrégora. As romãs são colocadas nas Colunas logo na entrada da loja, para lembrarmos de cuidar para que nossa loja sempre produza frutos livres de pragas e doenças¹¹.

Acredito que essa simbologia serve muito para retratar esse momento de mudanças mundiais que vivemos, tanto em loja, quanto no mundo profano. Mostra o quanto nossa Ordem é linda e harmoniosa, mesmo em momentos difíceis. E como ainda consegue ser perfeita e manter os irmãos unidos, mesmo que distantes fisicamente. Dessa união vem nossa força, como também já sabemos pela simbologia do Feixe de Esopo. Nossa unidade se torna indestrutível, nos provendo de Sabedoria, Força e Beleza para ajudarmos nossos irmãos e demais pessoas do mundo profano.

Esse vírus que aflige a Humanidade desde 2020 evidencia o quanto uma pessoa infectada pode contaminar outras. Essa analogia também vale para a romã. Um grão infectado, ou seja, um mal maçom, acaba contaminando e apodrecendo todo o fruto. Daí a importância de manter os estudos em busca da verdade, mesmo no nosso domicílio. Assim, podemos sempre ser melhores maçons e manter o fruto saudável. ◆

Bibliografia

CÂMARA, Carlos. *A romã – um dos símbolos da Maçonaria Universal*. ARLS Lótus Verde. Disponível em: <http://www.adonhiramita.org/roma.pdf>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019.

D'ELIA Junior, Raimundo. *Maçonaria: 100 instruções de Aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas102-103.

NETO, David. *As romãs e o seu significado maçônico*. Extraído do site a ARLS Colunas de Piratininga. Disponível em: <https://www.colunasdepiratininga.org.br/as-romas-e-o-seu-significado-maconico/>. Acesso em 19 de Nov. de 2019.

- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução dos Originais, mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 58ª Edição revisado por Frei João José Pereira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Ave Maria, 1987.

- “O Simbolismo da Romã”, in *Revista Universo Maçônico*. Acessado em 19 de nov. de 2019. Disponível em: <https://www.revistauniversomaconico.com.br/simbologia/o-simbolismo-da-roma/>. Acesso em: 19 Nov. 2019.

- *Ritual do Simbolismo do Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito*, 11ª edição da GLESP, páginas 94-97

- “Romã”, disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/roma/> - Acesso em: 19 de nov. de 2019.

- “*Simbolismo das Romãs*”, in *Revista Online Freemason*. Disponível em: <https://www.freemason.pt/secmaconaria/simbolismo/simbolismo-das-romas/>. Acessado em 19 de Nov. de 2019.

Anotações:

- 1 - *Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito*, 11ª edição da GLESP, páginas 94-9
- 2 - D'ELIA Junior, Raimundo – *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas102-103.
- 3 - *Simbolismo das romãs*. Revista On-line Freemason. Disponível em: <https://www.freemason.pt/secmaconaria/simbolismo/simbolismo-das-romas/>. Acessado em 19 Nov. 2019.
- 4 - *O simbolismo da Romã*. Revista Universo Maçônico. Disponível: <https://www.revistauniversomaconico.com.br/simbologia/o-simbolismo-da-roma/>. Acesso em 19 Nov. 2019.
- 5 - *Romã*. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/roma/>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019.
- 6 - D'ELIA Junior, Raimundo – *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas102-103.
- 7 - NETO, David. *As romãs e o seu significado maçônico*. Disponível em: <https://www.colunasdepiratininga.org.br/as-romas-e-o-seu-significado-maconico/> ARLS Colunas de Piratininga. Acesso em: 19 de Nov. de 2019.
- 8 - CÂMARA, Carlos. *A romã – um dos símbolos da Maçonaria Universal*. ARLS Lótus Verde. Disponível em: <http://www.adonhiramita.org/roma.pdf>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019.
- 9 - CÂMARA, Carlos. *A romã – um dos símbolos da Maçonaria Universal*. ARLS Lótus Verde. Disponível em: <http://www.adonhiramita.org/roma.pdf>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019.
- 10 - CÂMARA, Carlos. *A romã – um dos símbolos da Maçonaria Universal*. ARLS Lótus Verde. Disponível em: <http://www.adonhiramita.org/roma.pdf>. Acesso em: 19 de Nov. de 2019.
- 11 - Autor anônimo. *Simbolismo das romãs*. Revista On-line Freemason. Acessado em 19 de novembro de 2019. Disponível: <https://www.freemason.pt/secmaconaria/simbolismo/simbolismo-das-romas/>



Irmão Mario Palmiero

Loja Mestre Pescador, 154
Oriente de São Paulo

No final dos anos de 1840, o escritor Alexandre Dumas explorou uma possível verdade a respeito de um prisioneiro da França, condenado até os últimos dias de sua existência a usar uma máscara de ferro, por determinação de Luiz XIV, escondendo assim a identidade do prisioneiro, possível irmão mais velho e ilegítimo do rei. Recomendo a leitura do livro *O Homem da Máscara de Ferro*, do autor supracitado.

Mais recentemente, vimos inúmeras outras máscaras a proteger a identidade de muitos heróis. Zorro – o Cavaleiro Solitário, Batman, entre outros.

Trazendo esse significado para a vida real, todos nós, meros mortais, também nos utilizamos do artifício das máscaras, com o objetivo de não mostrar nossa real identidade às pessoas que nos cercam e não nos conhecem bem.

Aprendemos desde tenra idade a nos disfarçar com

um determinado tipo de máscara, uma para cada contexto em que nos encontramos. Justificamo-nos diante do altar de nossas próprias consciências que tal artifício seja utilizado para nossa proteção.

Na verdade, muitas vezes, sentimos medo de mostrar aos outros o que realmente somos. Não temos coragem de mostrar a verdadeira face de nossos atos, nem de defender nossos pontos de vista, por serem frágeis, por conveniência ou por não haver real conhecimento dos fatos, mas como somos seres que necessitamos do convívio social, vamos falando e externando nossas opiniões a nosso bel prazer.

No ano de 2020, vimos surgir entre nós um tal vírus que, sob determinado ponto de vista, está sendo benéfico. Com a obrigatoriedade da utilização das máscaras para proteção, pessoal e/ou da coletividade, passamos a perceber inúmeras outras facetas de pessoas que nos cercam e que não conseguem utilizar duas máscaras, deixando transparecer sua real identidade, trazendo a público suas opiniões, seus pensamentos e suas formas de relacionarem-se com os demais. Deixamos assim cair a velha máscara.

Após um mês de restrição ao convívio social, temos visto nas nossas redes sociais pessoas que, pelas imagens e fotos, nos são conhecidas. Mas completamente estranhos no seu modo de expressão e com ideias muito distintas daquelas a que estamos acostumados a acompanhar. Santa Máscara, Batman!, diria o Menino Prodígio. Quantas opiniões que divergem de tudo aquilo que sempre foi pregado e ensinado. Quantas mudanças!

Nas empresas, estamos percebendo que muitos e muitos funcionários sempre se esconderam. Nada produziam e muito falavam, verdadeiros reis do Oba-Oba. Outros, muito quietos, justificam seu silêncio com o trabalho. Atualmente, além de cumprirem suas jornadas normais, os quietos estão sen-

do chamados a continuar a carregar o piano, mesmo à distância. Não haverá mais lugar ao fanfarrão.

Hoje em dia, podemos notar o quanto as pessoas gostam do mórbido. Espalham más notícias com enorme satisfação, verdadeiros Cavaleiros do Apocalipse, prontos para entregar mortes e tragédias em redes sociais.

Colocamos políticos que em passado recente cuidaram de tudo, menos do povo. Políticos atuais procuram vencer suas brigas pessoais e esquecem novamente do povo, o qual eles deveriam defender, uma vez que eleitos foram para tal.

Na atual situação, começamos a perceber que os cuidadores dos idosos, os professores e os profissionais da saúde são muito mais importantes do que poderíamos sonhar. Esses profissionais são muito mais importantes que jogadores de futebol, e uma vaga em qualquer hospital da periferia vale muito mais que um assento em qualquer estádio do mundo.

Nesse momento de dor, ao invés de ficarmos escolhendo lado para nos digladiar e treinar nossas línguas felinas, tentando ter razão e defender o indefensável; deveríamos nos unir e exigir um sistema mais humano para a Saúde nacional. Vamos lutar para acabar com o privilégio de poucos em detrimento de todos.

É chegada a hora de valorizar o que desvalorizamos até agora. Cuidemos de nossas famílias. Cuidemos daqueles a quem amamos. Vamos valorizar o conhecimento, a escola e o respeito às famílias que são a base da sociedade.

Precisamos aprender a dividir. Vamos praticar a convivência sem interesse vulgar. Vamos viver como se fôssemos voltar ao Criador, amanhã. Amemos uns aos outros.

E não vamos nos esquecer que nos tempos atuais e futuros não será mais permitida a utilização de duas máscaras. ◆



Solidariedade



Irmão Luís Antônio Bertoloto
*Loja Joia Fraternal Jorge de Lollo, 268
Oriente de São Joaquim da Barra*

Segundo sua definição, Solidariedade é um ato de bondade para com o próximo. É o sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral ou material. É o apoio em favor de uma causa ou de um movimento. Extraída do latim (*solidus*), solidariedade quer dizer firme, inteiro, sólido e, no contexto francês (*solidarité*), traz o conceito de solidariedade mútua.

Seja qual for a vertente em que a solidariedade se expressa, ela não deve ser direcionada tão somente àqueles aos quais somos simpáticos por nossos valores ou crenças, mas também àqueles cujas ações ou pensamentos nos sejam distantes, indiferentes e mesmo antagônicos, pois Cristo nos ensina que “Se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis?” (Mateus, 5: 43-47).

Mas, nos dias de hoje, dar e receber esse sentimento ou ato solidário não tem se mostrado simples. Acostumamos a ser cautelosos e nos proteger, adotando muitas vezes a conduta da desconfiança, que nos leva a nos retrairmos, afastando-nos das pessoas e de suas boas ações.

Sob esses dois olhares, o de ser solidário e o de estar receptivo à solidariedade, Santo Agostinho nos mostra que o caminho é o amor, ao afirmar: “O amor fraterno é o que nos faz amar uns aos outros. Este amor não somente vem de Deus, mas é Deus. Portanto, quando por amor amamos o próximo é por Deus que o amamos” (De Trinitate, VIII, 8, 12).

O Salmo 133, chamado Salmo da Fraternidade, entoado na introdução dos trabalhos em Loja de Aprendiz Maçom, também é fonte de ensinamento e direcionamento ao exaltar “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união”, nos demonstrando que Deus quer que caminhemos juntos em seu amor.

A solidariedade é, portanto, a forma necessária para prosseguirmos. É a dependência recíproca entre os homens, e recentemente estamos vivendo sua mais alta expressão. A Humanidade, pelos quatro cantos do planeta, está usando de todos os recursos para combater o vírus altamente contagioso e mortal que se instalou entre nós, o novo Coronavírus. Uma universal e fraternal rede de solidariedade se formou e demonstrou que se a doença não conhece fronteiras, a solidariedade também não.



Quando os primeiros casos surgiram, começaram a ser divulgados informalmente através das redes sociais e dos aplicativos de mensagens. Aos poucos, ganharam escala na mídia de todo o planeta. Informações confiáveis dividiam espaço com *fake news* e eram compartilhadas aos montes. Aquelas eram as notícias que todos ansiavam por receber – quantos casos confirmados, qual o número de óbitos, quais os sintomas, como era a transmissão, diagnóstico, como se proteger, se havia tratamento, quais atitudes tomar em caso de contaminação. Tudo isso emaranhado aos informes de colapso nas bolsas de valores ao redor do mundo, ameaça de recessão global, risco de desemprego em massa e muito mais.

Esse cenário levou os governantes, seguindo orientação da Organização Mundial de Saúde - OMS, a executarem medidas para evitar a disseminação daquilo que àquela altura já era classificado como pandemia. Oficialmente, foram feitas recomendações de uso constante de máscara, de higienização das mãos e de ambientes, da desinfecção dos objetos, além das drásticas medidas de distanciamento e isolamento social, chegando ao extremo do *lockdown* (bloqueio total ou confinamento).

Tão rapidamente quanto o vírus, disseminou-se pela sociedade uma onda de solidariedade. As pessoas foram contaminadas pelo bem comum e impulsionadas a agir com empatia, conscientes de que os efeitos de suas condutas atingiam o próximo.

As empresas, mesmo enfrentando uma grave crise econômica provocada pelo avanço da pandemia, anunciaram procedimentos para tentar frear a propagação do vírus entre seus colaboradores; interromperam suas atividades e começaram a divulgar sua pauta de generosidade.

Não só empresas, mas pessoas comuns se voluntariaram para ajudar os que se encontravam em

estado de vulnerabilidade social. Toda sorte de auxílio foi ofertada, desde a distribuição de alimentos à prestação de consultas gratuitas on-line.

Ações solidárias vindas de todos os cantos chegaram a todos os lugares. Fosse em dinheiro, insumos essenciais ou equipamentos, a lista de doações, só no Brasil, chegou aos milhares e o valor monetário à casa dos bilhões, segundo a Associação Brasileira de Captadores de Recursos – ABCR, entidade que monitora a filantropia brasileira advinda de empresas e pessoas físicas.

Apesar da difícil e pesada batalha, a solidariedade está sendo mais contagiosa que o vírus.

Nós, maçons, pelos ensinamentos no desbaste de nossa pedra bruta, mais do que membros inseridos nessa sociedade, devemos ter o papel de fagulha que espalha a ação entre os demais.

Nosso aprendizado e desenvolvimento interior, adquiridos pelo estudo do simbolismo maçônico, dispõem nossa alma para a prática do bem.

A Romã, o Pavimento Mosaico, a Orla Dentada, a Corda de 81 Nós e a Cadeia de União são alguns dos símbolos que reforçam que todos os maçons espalhados pelo Universo formam entre si uma única família de irmãos, em união comunitária e com os mesmos objetivos. Os ensinamentos desses simbolismos devem acompanhar e nortear os maçons em quaisquer circunstâncias de suas vidas.

A Romã é símbolo de prosperidade, caridade e união. Suas sementes e frutos, ao mesmo tempo unidos e prontos à dispersão e proliferação, são exemplos de que, em comunhão frutuosa de pensamentos, devemos levar ao mundo os ideais dos quais comungamos.

O Pavimento Mosaico representa que todos os maçons espalhados pela terra formam uma só fraternidade. Apesar da pluralidade de suas co-

res, raças, credos, religiões e opiniões políticas, os maçons permanecem ligados entre si, unidos pelo mesmo cimento. A Orla Dentada simboliza a atração universal do amor, sustentando a harmonia, a fraternidade, a solidariedade e outras forças morais que devem existir no homem virtuoso. É a força que não permite que os quadrados do mosaico desagrupem-se.

A Corda de 81 Nós, ou o laço do amor, é a imagem da união e solidariedade. Ela oferece proteção por meio da irradiação de energias que abrigam e sustentam a egrégora formada durante os trabalhos maçônicos em loja. Seus nós representam simbolicamente a união fraternal e espiritual numa analogia com a posição dos braços dos irmãos na Cadeia de União. Por sua vez, a Cadeia de União é um símbolo poderoso de junção dos irmãos num só lugar de maneira espiritualizada. Usada com as três virtudes morais que devem ornar o espírito e o coração do maçom – a fé, a esperança e a caridade – reverte-se em cura e solidariedade, pois a soma de ideias, força e virtudes emite e transmite o fluído que é projetado para o mundo profano.

Cada maçom, tendo a consciência de seu exemplar papel a desempenhar, fará com que não apenas toda a Maçonaria, mas toda a sociedade, receba a influência benéfica emanada a partir das lojas na forma de amor e solidariedade.

Reforcemos nosso papel de semeadores do bem e, quando tudo isso passar, gozaremos da mudança operada no mundo. Que nossos pés jamais estejam fincados no discurso solidário, mas que nossas mãos estejam, sim, trabalhando na solidariedade vivida.

“Nós, como espécie, temos de viver de maneira integrada; portanto, a solidariedade é mais do que uma virtude, é um princípio de inteligência e sobrevivência. Uma pessoa afastada dessa perspectiva perecerá no isolamento” – Mário Sérgio Cortella.

Quando a Covid-19 for enfim combatida, certamente haverá em nós marcas das lembranças devastadoras, mas terá criado raízes em nós a lição de que só pela união e solidariedade é possível viver. Teremos alicerçados em nossas bases o amor e a fraternidade. Teremos presentes em nossos espíritos a singeleza e a grandeza de ser e estar pelo próximo. Seremos unidos, seremos fraternos, seremos justos, seremos uma nação não maçônica vivendo os preceitos da Maçonaria. ◆

Bibliografia

- AGOSTINHO, Santo. De Trinitate. *Livros IX – XIII*. Paulinas, 2007.
- BRANCO, Leo. *Doações Para Combate a Coronavírus Chegam a R\$ 3 Bilhões no Brasil*. in *Época*, 17/04/2020. Acesso em: 20.04.2020.
- <https://epoca.globo.com/economia/doacoes-para-combate-coronavirus-chegam-r-3-bilhoes-no-brasil-24377536>.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Filosofia - e nós com isso?*. Vozes Nobilis, 2019.
- D'ELLA JUNIOR, Raymundo. *Maçonaria: 100 Instruções de Aprendiz*. Madras, 2013.
- GONZALES, Roberto Souza. *A Egrégora na Cadeia de União*; in revista *A Verdade*, ano LXV, n° 528, p. 4 - 9, set./out. 2018
- PASQUIVIS, Rivail. *Romã: um fruto sagrado*; in revista *A Verdade*, ano LV, n° 461, p. 34 - 39, jul./ago. 2007.
- PESSOA, Fernando; PIKE, Albert. *A Origem e os Ensinamentos da Maçonaria: uma explicação clara dos princípios básicos das regras maçônicas*. Madras, 2015.
- PINTO, M.J. Outeiro. *Do Meio-dia à Meia-Noite: compêndios maçônicos do Primeiro Grau*. Madras, 2007.
- SCARANELLO, Frederico G. *Simbologia do Pavimento Mosaico e da Orla Dentada*; in revista *A Verdade*, ano LIV, n° 456, p. 10-12, set./out. 2006.
- VAROLI, Jairo. *As Cordas*; in revista *A Verdade*, ano LIV, n° 456, p. 9, set./out. 2006
- Aprendiz Maçom: *Ritual do Simbolismo*. GLESP: 2005
- Bíblia Sagrada. Tradução CNBB.
- Michaelis: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Acesso em: 19.04.2020. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/solidariedade>.
- Ministério da Saúde. Acesso em: 26.04.2020. <https://saude.gov.br/component/tags/tag/oms>.
- Origem da Palavra. Acesso em: 19.04.2020. <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/solidariedade/>.

2020: Um abraço...

2021: Um abraço!

Irmão Rogério Praxedes

Loja Fidelidade e Justiça, 565 – Oriente de Sorocaba

O ano de 2020, sem sombra de dúvidas, para todos nós com os pés na Terra (redonda, ou não), foi no mínimo diferente. Tudo bem, passou, já foi. Um abraço. Será?

Se observarmos de um ponto de vista objetivado qualquer, fica muito fácil perceber, através de um olhar panorâmico, os inúmeros sintomas, efeitos colaterais e graves impactos causados pelos tipificados ataques virais que nos abalaram frontalmente.

2021

Rachaduras, trincas, fakes, frestas, fraturas sociais expostas, tudo rasgando nossa própria carne. Novas patologias emergindo na instabilidade das frágeis estruturas dos mundos que andamos cocriando. Mundos aos quais nos submetemos a sobreviver e até morrer por eles. Escolhas da modernidade feitas no tempo. Um abraço.

No entanto, todavia, mas, porém, para além desse mar de ilusões, desse naufragar entre as coisas efêmeras e dos mundinhos cocriados; bem aquém de tudo isso, afogado entre sabores instantâneos de um não saber, engolido por um oceano raso e nada pacífico, resiste o Ser humano.

Eternos aprendizes esquecidos de si, ora já sem cais, ora já sem porto, inseguros seres sem existir, tentando respirar sob o olhar turvado e desatento ao radar da vida.

Do nosso confortável lugar de fala, bem silenciosamente, fomos surpreendidos pelo óbvio.

Não inesperadamente, mas simultaneamente, a natureza amarrou uma âncora em nossos pés e depositou na profundidade nossa boia de salvação. Perceberam isso? Um abraço.

Não está sendo fácil e nunca será indolor passar pelo indigesto imposto.

Forçosamente ter de se isolar dos sorrateiros vícios adquiridos com prazer, perder o horizonte do cotidiano estável, perder o pseudocontrole da vida, o ópio em garrafas, as distrações pascais.

Numa dose cavalariça de realidade aumentada, o espanto de ter de se encontrar consigo mesmo; com a alma nua, sem poder

fugir do espelho, sem poder fugir do Eu refletido sem maquiagem, sem gel no cabelo, sem batom.

Reflexão sobre o reflexo, um verdadeiro nó do existir. Socooooorro! Um abraço.

Em 2020, fomos obrigados a ficar sozinhos, abraçados a nossas escolhas mais íntimas e fazer somente dessas escolhas o suficiente para seguir tocando a vida.

Tirar, espremer e extrair daquilo que escolhemos a essência para um tempo que nos falta e nos sobra a cada instante vivido, a cada dia sem um fim e a cada final como um decreto alheio a nós.

Enjoamos da nossa pequenez em *lives*, nossa impotência e nossa fragilidade exposta na TV aberta e o iFood entregando em *home offices* improvisados a lembrança da finitude humana, realidade dura e crua.

Enfim, podemos perceber alguma ausência de finalidade escancarada por dentro, posta à mesa num prato frio e vazio. Abominável dó que não tenho. Um abraço. (De longe):

Para 2021, quero duas picadas da ciência que me restou, uma em cada braço, mantendo um equilíbrio prático. Quero poder abraçar gente para sentir um ano novo de fato, na pele.

Abraçada a nós, quero a compaixão pelos humanamente iguais, quero mais humanidade e educação, diminuindo as diferenças desumanas e que a perfectibilidade nos obrigue a um futuro melhor.

Quero um desespero bom e o motor da angústia resgatando em mim, todos os dias, a esperança que tenho em você.

Quero uma coragem inabalável para seguir caminhando em frente, um andar eterno e evolutivo, acompanhado sempre da boa-fé que não costuma “faiá”. Entendeu?

Um abraço! ◆



Ano Novo: Retorno ao Associativismo ou à Fraternidade?



Irmão Samir Nakhle Khoury
Loja 21 de Abril, 141 - Oriente de São Paulo

Se você consultar os dicionários verá que Família é substantivo singular feminino determinando o grupo de ascendentes, descendentes, colaterais e afins, formando linhagem do mesmo sangue.

Note um erro primário e distorcido quanto ao conceito de “laços sanguíneos” definindo algo tão plural. A junção de “colaterais e afins” torna-se um adendo fundamental à amplitude do contexto Família. Seguindo esse raciocínio, um dos melhores sinônimos de Família é a Maçonaria.

Não somos um conjunto de associados ligados à profissão, hobbies ou afins (para isso, sugiro que conheça outras excelentes entidades). Aqui há um sentimento fraternal, emanado pela egrégora do juramento de fidelidade à Ordem e aos irmãos mundo afora. Em todas as reuniões e graus, com testemunho de vários obreiros, diante do Livro da Lei, das colunas e utensílios, da abóboda celestial e demais simbolismos, você ouve repetirem palavras em alto e bom som, tal qual mantras entoados de forma subliminar: “Somos uma Instituição composta por homens livres e de bons costumes, tendo como objetivo tornar feliz a humanidade, pelo amor, aperfeiçoamento dos costumes, tolerância, igualdade, liberdade, respeito à auto-ridade e crença de cada um”.

Óbvio que, como em toda família, haverá algum atrito ou dissonância. Mas,

independentemente do autor, o objetivo é uno e nele se mantém o foco para “vencer paixões, submeter vontades e fazer novos progressos na Maçonaria, estreitando laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros Irmãos”. Aliás, essa parte do trolhamento evoca o ato de passar a trolha (colher de pedreiro), trolhar para remover arestas e nivelar a massa...

Você precisa ter lucidez para discernir a sutil diferença entre atos falhos e gestos desabonadores ou desairosos, considerando-se responsável pela existência dessa sábia Instituição. Sinta-se um elo relevante do conjunto; afinal, como engrenagens necessitam de todos os dentes para funcionar, a Maçonaria precisa de você para cumprir a sagrada missão indicada pelo Grande Arquiteto do Universo ao pinçá-lo como Obreiro.

Sou maçom desde 1978, galgando com muito afinco todas as etapas. Entretanto, históricos melhores ou semelhantes ao meu nada valem diante da pluralidade dessa Família Universal, sobretudo porque nossa bandeira é a mesma.

O verdadeiro maçom não peca por omissão nas intempéries, pouco importando seu grau ou posição hierárquica. Pactuaram-se direitos e deveres no exato minuto em que sua venda foi retirada.

Portanto, rogo a você: impeça desavenças, máculas ou desabonos à Ordem em geral e aos irmãos em particular. O Sol está no meridiano e é momento de desbastar arestas, empunhando com vigor seu maço e cinzel para que mal algum atinja nossa família.

Frequente sua oficina e acolha fraternalmente seu irmão. ◆



e o maço

Irmão Marcus Cezar Rabello
Loja Edgard Armond, 407 – Oriente de São Paulo

Certo dia, conversando com uma amiga (bem espiritualizada, aliás!), falávamos sobre *fake news*, ou notícias falsas, em português. No bate-papo, ela me deu um parecer bem interessante sobre o tema. Avaliou que já passou a fase em que as pessoas retransmitiam *fake news* “por ingenuidade”. Antes, alguém que inadvertidamente repassava alguma notícia falsa e era alertado de que se tratava de mentira, argumentava corriqueiramente com um “puxa, não sabia...”, ou “nem percebi...”, e outras desculpas similares.

Minha amiga continuou dizendo que, hoje em dia, quem repassa *fake news* são pessoas “ruins”, que desejam o “mal”. Ou seja, não seriam pessoas honestas e com boas intenções. E, sabendo que sou maçom, ela me pegou de surpresa ao me perguntar



se maçons tinham essa prática reprovável, de ficar espalhando notícias falsas. Pensei um pouco e respondi: “Um verdadeiro maçom não repassa *fake news*”. Ela riu, e continuamos a conversa.

Pouco tempo depois, sozinho, refleti sobre o que ela falara, e em parte dei-lhe razão. Lembrei-me de quando começaram a surgir as *fake news*. Na ocasião, eu costumava alertar quem repassava a mensagem falsa em um grupo ou outro de que aquilo era mentira. Ainda colocava o link verdadeiro, onde se informava que aquilo era mentira. Muitas vezes, recebi as mesmas desculpas citadas por minha amiga: “Não sabia”, “É mesmo?”.

Com o tempo, nem sequer se davam mais ao trabalho de responder. Fui reparando também que a maioria que repassava as *fakes news* continuava a fazê-lo, mesmo com alertas meus e de outros irmãos. Ou seja, não se tratava mais de ingenuidade. Optavam por retransmitir as *fake news* por ego, por raiva, por preguiça de checar a fonte etc. De fato, não era mais por ingenuidade. Estavam, aliás, muito longe da virtude da verdade, verdade esta que um “verdadeiro maçom” deveria abraçar e defender. Eu, por meu lado, também deixei de ser ingênuo e parei de alertar sobre as *fakes*.

Ainda hoje, porém, vejo que os repasses de notícias mentirosas prosseguem. Observo também que, neste comportamento, há algo bem próximo à ideia do mal que minha amiga havia citado.

Quando respondi à minha amiga, mencionando que um “verdadeiro maçom” não repassaria *fake news*, na hora me lembrei de alguns irmãos que conheço e que realmente não ficam distribuindo notícias falsas pela internet. Lembrando-me deles, vejo que realmente seguem o caminho da verdade. Essa constatação soou-me bastante interessante, aliás. Minha resposta também foi baseada nos ensinamentos da Ordem, pois o verdadeiro maçom busca e prega sempre a verdade e jamais compactua com mentiras.

Como aprendizes, vemos que a Maçonaria tem a verdade como uma de suas bases. Ela preconiza também que devemos combater os erros, a ignorância e a mentira. Isso tudo está em nossos rituais. E o que me fez pensar que minha amiga estava em parte certa foi a lembrança de que em nossos rituais é dito claramente que a mentira é um dos flagelos causadores do “mal” da humanidade.

Por associação, pensei que quem repassava a mentira talvez tivesse o mal em si, desejasse o



fake news

mal, e não fosse uma pessoa de bem, como disse minha amiga.

Um maçom deve deplorar os que erram, mas também se esforçar para reconduzi-los ao verdadeiro caminho. Se um maçom deve ser o exemplo para a sociedade, quem sabe algo prático possa ser feito? A começar pelo fato de que um verdadeiro maçom não deve repassar *fake news*. E, caso deseje retransmitir uma informação ou notícia, deve deixar a preguiça de lado e checar a sua veracidade. E, se se tratar de notícia falsa, esqueça o orgulho e não a repasse.

Caso, ainda, ficar na dúvida sobre a informação, mesmo assim não a repasse. Não se deixe dominar, também, pela raiva provocada pelo

conteúdo da notícia mentirosa, pois isso vai corroer sua alma e acabar fazendo-o passar a notícia para a frente.

Quantidade não é qualidade. Não repasse *fake news* para “aparecer” no grupo. Deixe a vaidade de lado e busque conhecimento sobre o tema que deseja tratar, argumente com palavras o que pensa. Isso é bem melhor e mais nobre do que repassar mentiras.

Combata o erro, lute contra a ignorância e a mentira, trilhe o caminho do bem, não do mal, obtenha a tranquilidade de consciência. E assim, quem sabe, poderemos substituir a frase “Um verdadeiro maçom não repassa *fake news*” por “Um maçom não repassa *fake news*”. ◆

CARIDADE

Irmão Lusabio Roberto Dondoni

Loja Estrela de Limeira, 757 – Oriente de Limeira

A palavra caridade automática e erroneamente remete à um sentimento de pena de alguma coisa ou de uma situação, ou ainda, à uma esmola dada na forma de algumas moedas ao pedinte no semáforo. Puro engano. Ela é algo muito mais profundo.

Ao contrário do que deduz o senso comum, a verdadeira caridade não é uma simples doação movida pelo sentimento de pena. Ela é a ajuda dada a necessitados de forma voluntária, sem almejo de recompensas ou vantagens financeiras ou sociais e sem a busca de reconhecimento de qualquer espécie ou propaganda.

Ela é tão importante que representa um dos três princípios onde se alicerça a Maçonaria junto ao amor fraternal e a verdade. Ela é o ato de se doar simplesmente. É a expressão máxima de bondade e compaixão para com seu próximo, seja ele um irmão da Ordem ou um profano.

Caridade é o ato de ajudar alguém que está em situação desfavorável em determinado momento, seja ela dificuldade financeira, moral ou psicológica, é o ato benigno de saciar as necessidades das pessoas, é um sentimento de amor e benevolência. Essa ação altruísta de ajudar alguém de forma desinteressada é notável indicador de elevação moral pessoal e um sentimento que caracteriza a boa essência do ser humano.

O verdadeiro caridoso, maçom ou profano, é discreto e pratica a caridade de forma reservada, não fazendo alarde ou autopromoção pelo ato. Vem do fundo do coração, fruto de evolução espiritual, é carregada de emoção e não expõe o necessitado que já se encontra em situação sensível e de muita vulnerabilidade.

É a virtude de olhar para o próximo e enxergar um indivíduo igual a si próprio, com necessidades e carências momentâneas, e, por amor, desejar au-

xiliá-lo de maneira que o faça ter dignidade, crescer e sentir-se valorizado, sem constrangimentos e com máximo respeito e empatia.

Ao contrário, quando apenas se provê algo a alguém, estritamente material, sem interesse algum na pessoa assistida, sem sentimento ou emoção de qualquer espécie e o fato é propagandeado de forma a valorizar de maneira interesseira o fornecedor dessa assistência, isso não é caridade, mas puro assistencialismo, e o assistido nesse caso é exposto e usado de forma desonesta, desavergonhada e reprovável.

A caridade está também no ato de ouvir. Isso, além de caridade espiritual, é também um meio para descobrir outras possíveis necessidades. Ao ouvir com atenção, paciência e com pequenas indagações, tem-se uma compreensão mais clara das reais causas do problema em questão. Com isso, os conselhos e ajuda serão mais bem direcionados de maneira a levar o necessitado a superar aquele momento difícil com mais rapidez e eficiência.

Muitas vezes, o aflito necessita apenas de um ombro amigo, alguém que o ouça com atenção e sem pré-julgamentos. Deseja desabafar, falar de suas angústias e buscar um conselho que o faça sentir-se melhor e que lhe mostre um caminho a seguir que naquele momento não consegue enxergar.

Para sermos verdadeiros caridosos, precisamos aprender a deixar de lado nossas coisas, nossos problemas, nosso tempo, e nos tornarmos bons ouvintes. Precisamos desinflar nosso ego, esquecer nossas patentes e títulos e nos desarmar de preconceitos.

A caridade, como já dito, é antes de tudo um indicador de elevado senso moral de quem a pratica, e essa conduta influencia positivamente a todos a sua volta, seja dentro das lojas de nossa Ordem ou na sociedade profana, não esquecendo que, nas reviravoltas da vida, não é difícil que um dia sejamos nós a carecer da caridade alheia. ◆





MEU NAVIO



Irmão Erik Silva Imiani

*Loja Merkabah, 569
Oriente de Guarulhos*

Era eu capitão recém-promovido, quando fui avisado por um amigo que um navio iria comandar. Seu nome de batismo era “Lodge”, meio sem jeito subi a bordo, andei por todo convés, fui da proa à popa, de uma borda à outra, do oriente ao ocidente, já era familiarizado, pois algum tempo atrás ali servi como marinheiro, um aprendiz verdadeiro.

Com o tempo ocupei outros cargos, mas nunca o havia comandado, quando subi na cabine avistei o timão, só de olhar já suava a mão, sabia da responsabilidade, numa cerimônia reservada fui instalado como seu comandante, os tripulantes já eram velhos conhecidos, mais do que amigos éramos irmãos...

Fiz minha iniciação no novo cargo, sei que tinha toda a tripulação ao meu lado, mas o nervosismo era nato, dei partida no motor e logo senti todo o navio vibrar, uníssono, exalando um cheiro que era só dele, confiante tomei o timão e comecei a manobrar, opa!, alguns deslizes sei que irei dar... coragem, capitão... agora a vida desses marujos estão em sua mão, olha o sol no horizonte, com seus raios as trevas irá dissipar, esse nervosismo vai passar.

Conforme o navio rasgava as águas do oceano, fui me acalmando, as ordens de praxe passei emanar, um pouco mais confiante sentia a cada instante o coração no peito a pulsar, os marujos sincronizados faziam aquela cena parecer um teatro, tudo muito bem ensaiado.

Olhando aquela imensidão e sabendo da missão, ali mesmo proferi minha oração: “Senhor dos Mundos que a tudo comanda, não descuide de nós um só instante, pois temos um coração que bate incessante aos seus desígnios, obreiros aqui reunidos, humildes e reverentes aos seus pés, na imensidão desses mares buscamos a Verdade, auxiliados pela moral, nossos trabalhos nos dedicamos a executar e se formos dignos de um parte da sua sabedoria conquistar, juramos que a paz para sempre entre nós irá reinar”. ◆

Ética e Moral

no contexto maçônico



Irmão Jarbas Emilio de Moraes Neto

Loja Inconfidência Votura, 330 – Oriente de Indaiatuba

O exercício intelectual de definir, adequada e filosoficamente, os conceitos de moral e de ética jamais foi tarefa fácil. Numerosos foram os pensadores que se debruçaram sobre os conceitos citados, e numerosas são as definições relacionadas aos mesmos. O presente trabalho, portanto, não tem qualquer pretensão de esgotar o tema, senão, de iluminar essa discussão secular, mas extremamente contemporânea.

Moral deriva da palavra latina *mos*, que significa costume. Logo, faz referência a valores “aprendidos” (ou transmitidos) a partir dos costumes e das tradições de um determinado grupo (étnico, religioso, familiar etc.). Tais costumes frequentemente não apresentam uma justificativa óbvia ou uma razão lógica de ser. São, por assim dizer, dogmas incorporados individualmente, mas que traduzem o “modo de vida” de uma comunidade em particular. Quando agimos moralmente, fazemo-lo porque acreditamos em valores herdados. Moral, em última análise, é uma bússola pessoal que aponta a direção geral do que consideramos certo ou errado.

A palavra ética, por sua vez, deriva do grego *ethos* (caractere). Trata-se da disciplina filosófica que fundamenta, intelectual e cientificamente, os princípios racionais que nos direcionam a priorizar o “certo” em detrimento do “errado”. Difere da moral por tratar-se de um conceito coletivo, ou seja, reúne regras de conduta reconhecidamente “virtuosas” ou “viciosas”, em relação a uma classe específica de ações humanas no contexto de um grupo.

A ética fundamenta seus argumentos na razão, enquanto a moral os fundamenta na tradição. Logo, ética e moral podem se contradizer. Não raro se contradizem, de fato.

Uma pessoa que segue rigorosamente os princípios éticos pode não ter moral alguma. Da mesma forma, pode-se violar princípios éticos estabelecidos para que se mantenha um determinado contexto de integridade moral.

Podemos, assim, dizer que a ética baliza conflitos morais, ao determinar condutas reconhecidamente benéficas ao coletivo. Por exemplo: um advogado que defende um criminoso, sabidamente culpado, pode moralmente condenar as atitudes do seu cliente. Entretanto, eticamente (como profissional), deve defendê-lo com o melhor dos seus esforços.

Emmanuel Kant (1724-1804) propôs um modelo de ética independente de qualquer tipo de justificação moral religiosa, baseado apenas na capacidade humana de julgamento. Para tanto, estabeleceu o conceito de Imperativo Categórico – uma orientação moral (inerente ao indivíduo) baseada apenas na razão humana e sem qualquer influência de causas sobrenaturais, supersticiosas ou relacionadas à autoridade religiosa. As ideias de Kant foram largamente influenciadas pelos ideais do Iluminismo, fundamentalmente laico, para o qual o pensamento deveria ser uma faculdade autônoma e livre das amarras impostas pela religião.

A ética de Kant fundamenta-se exclusivamente na razão e na noção do dever (ética deontológica – derivada do grego *deon*, que significa “dever”). As regras, portanto, são estabelecidas de dentro para fora, a partir da razão humana e da capacidade de criar códigos próprios de conduta. A Razão compreende o que é o dever (isto é, a “ação moral”), e

o indivíduo pode escolher agir de acordo com esse dever ou não. Assim, o conceito de moral kantiana se opõe à noção de moral religiosa, na qual o dever é entendido como uma heteronomia, ou seja, uma norma vinda de fora para dentro, a partir de escrituras ou de ensinamentos.

A deontologia kantiana, ao entender o dever como finalidade da própria ação, se opõe à tradição ética teleológica, que julga as ações de acordo com as suas finalidades (do grego, *telos*). Por exemplo: para os filósofos gregos, a *eudaimonia* era o *telos*, ou o objetivo das ações humanas. Isto é, as ações são boas à medida que conduzem o homem para o fim maior, que é a felicidade.

Na filosofia religiosa, o *telos* é a salvação. Boas ações são aquelas que se afastam do conceito de pecado, não se interpondo como obstáculos para uma boa vida após a morte e não conduzindo para uma eternidade de sofrimentos. Segundo Kant, a independência de um indivíduo (por, assim dizer, sua maioridade) estaria fundamentada intrinsecamente na capacidade racional de conceber, por si próprio, o que é o dever e, assim, pautar conscientemente as suas ações. O autor reforça essa ideia ao afirmar que “somente o pensamento autônomo poderia conduzir os indivíduos ao esclarecimento e à maioridade”.

Assim, a abordagem ética da busca pela virtude relaciona-se não somente com o exercício intelectual de reconhecê-la, mas sobretudo, com a polidez do caráter e com a busca incessante da excelência nas práticas conduzidas pelo indivíduo. Responder às questões fundamentais da existência “como devo agir?” e “que tipo de pessoa devo ser?” é o mesmo que responder às questões fundamentais “como quero agir” e “que tipo de pessoa quero ser”. Este é o exercício permanente que se coloca diante do homem, em geral, e do maçom, em particular.

Aqui, encontramos a intersecção entre o raciocí-

nio desenvolvido e a longa peregrinação maçônica em busca do desenvolvimento pessoal. Nela, morremos para a vida profana e, seguindo a fórmula alquímica V.I.T.R.I.O.L. (*Visita Interiora Terrae Rectificandoque Invenies Occultum Lapidem*), nos propomos a abandonar os aspectos negativos do nosso caráter, desbastando a Pedra Bruta, em busca da Pedra Polida que existe no interior de cada um de nós.

Temperança, consciência e racionalidade devem ser as réguas que nos guiam a realizar o trabalho. Precisamos, antes, nos medir e nos comparar, a fim de aferir os desbastes necessários, evitando que sejam exagerados ou limitados. Reconhecer em si o certo e o errado, como um exercício racional da determinação do dever (ou da moral) e empenhar-se conscientemente em exercitar as virtudes, abandonando os vícios. É o que, enfim, a Maçonaria nos ensina: a ter a coragem de olhar para dentro e, ao reconhecer os erros ali existentes, propormo-nos a saná-los, a partir da força e da persistência do nosso trabalho.

Dentre os preceitos fundamentais da ética maçônica, destaca-se o cultivo da fraternidade, base fundamental da nossa instituição. Para tanto, tolerância, bom senso e mesura são essenciais.

Conceitos que aparam as arestas existentes entre distintas morais individuais e que reúnem eticamente os mais diferentes maçons sob a égide de uma só fraternidade, unida e forte. Para cumprir com o nosso dever, como homens e como maçons, e para aperfeiçoar a realidade que nos cerca, devemos nos empenhar sempre na prática do mesmo código de conduta dentro e fora dos templos. Conhecer as virtudes humanas, praticar o seu entendimento e exercitá-las como modo de vida nas ações práticas do cotidiano é o que, enfim, caracteriza o homem virtuoso.

O hábito da retidão é o que nos impele constantemente a viver uma vida reta. ◆



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM



• Jornalismo, informação e estudo

• O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea

• História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br